

OLHARES | SGUARDI

Culture di lingua portoghese. Studi e testi

4

DIREZIONE

Giorgio de Marchis (Università Roma Tre)
Andrea Ragusa (Università di Parma)
Matteo Rei (Università di Torino)

COMITATO SCIENTIFICO

Orietta Abbati (Università di Torino)
Gilberto Araújo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Vincenzo Arsillo (Università di Napoli “L’Orientale”)
Vanessa Castagna (Università Ca’ Foscari di Venezia)
Simone Celani (Sapienza Università di Roma)
Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)
Gian Luigi De Rosa (Università Roma Tre)
João Dionísio (Universidade de Lisboa)
Roberto Francavilla (Università di Genova)
Barbara Gori (Università di Padova)
Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina)
Monica Lupetti (Università di Pisa)
Helder Macedo (King’s College – University of London)
Rita Marnoto (Universidade de Coimbra)
Enrico Martines (Università di Parma)
Roberto Mulinacci (Università di Bologna)
Carlos Nogueira (Universidad de Vigo)
Vera Lúcia de Oliveira (Università di Perugia)
Patrícia Peterle (Universidade Federal de Santa Catarina)
Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa)
Mariagrazia Russo (Università degli Studi Internazionali di Roma)
Vincenzo Russo (Università di Milano)
Sonia Netto Salomão (Sapienza Università di Roma)
Alvaro Santos Simões Jr. (Universidade Estadual Paulista)
Valeria Tocco (Università di Pisa)
Ricardo Vasconcelos (San Diego State University)
Roberto Vecchi (Università di Bologna)

SEGRETERIA DI REDAZIONE

Virginiacarla Caporali (Università di Genova)
Luigia De Crescenzo (Università Roma Tre)
Maria Serena Felici (Università degli Studi Internazionali di Roma)
Alice Giroto (Università Ca’ Foscari di Venezia)
Ada Milani (Università di Firenze)
Francesco Morleo (Università di Napoli “L’Orientale”)
Maria Antonietta Rossi (Università per Stranieri di Siena)

*I volumi pubblicati nella Collana sono sottoposti a un processo di peer review
che ne attesta la validità scientifica*

Realtà e utopia nel Modernismo brasiliano

A cura di

Andréia Guerini
Vera Lúcia de Oliveira
Paula Cristina de Paiva Limão



Edizioni dell'Orso
Alessandria

*Com o apoio do
Programa de Internacionalização CAPES | PrInt (UFSC) – Brasil*

*Opera sovvenzionata tramite il
Programa de Internacionalização CAPES | PrInt (UFSC) – Brasil*



© 2024

Copyright by Edizioni dell'Orso s.r.l.

Sede legale: via Legnano 46 - 15121 Alessandria (Italy)

Sede operativa e amministrativa: Viale Industria, 14/A - 15067 Novi Ligure (AL)

Tel. e fax 0143.513575

e-mail: info@ediorso.it

<http://www.ediorso.it>

Realizzazione editoriale e informatica a cura di ARUN MALTESE (biblioteca.bear@gmail.com)

Grafica della copertina a cura di PAOLO FERRERO (paolobit@icloud.com)

Immagine di copertina: fotografia di Vera Lúcia de Oliveira

È vietata la riproduzione, anche parziale, non autorizzata, con qualsiasi mezzo effettuata, compresa la fotocopia, anche a uso interno e didattico. L'illecito sarà penalmente perseguibile a norma dell'art. 171 della Legge n. 633 del 22.04.41

ISSN 2975-061X

ISBN 978-88-3613-574-5

La scelta di seguire o meno l'Accordo ortografico della lingua portoghese è a esclusiva discrezione degli autori e delle autrici dei singoli contributi.

Indice

Presentazione/Apresentação

Andréia Guerini, Vera Lúcia de Oliveira, Paula Cristina de Paiva Limão p. VII

I. *Modernismo brasiliano: itinerari ed eredità*

Andréia Guerini

Itinerari nel Modernismo brasiliano: traducendo momenti chiave 3

Sonia Netto Salomão

O Modernismo brasileiro e a sua herança 13

II. *Modernismo e interazioni culturali Italia-Brasile*

Mariagrazia Russo

*L'interculturalità linguistica in Brás, Bexiga e Barra Funda
di António Alcântara Machado* 29

Alberto Sismondini

*Da O Pirallho a La Divina Increnca: istrionismo e parodia in
Juó Bananére* 53

Alessandra Mattei

*Giuseppe Ungaretti e o Modernismo brasileiro: particularmente,
no Lustru Paulista (1937-1942)* 67

III. *Modernismo nella letteratura*

Vera Lúcia de Oliveira

Raul Bopp: Um modernista na Amazônia 87

Alexandre Pilati	
<i>O olhar cismado do primeiro Drummond para o Modernismo</i>	107
Edvaldo A. Bergamo	
<i>Antonio Candido: um crítico literário incontornável do Modernismo brasileiro</i>	125
Isabel Araújo Branco	
<i>A palavra como arma na luta de classes feminista: narrativas de Pagu e Maria Teresa León</i>	143
Anne-Marie Lievens	
<i>Calas en el polisitema ibérico: el papel de Carmen de Burgos en Cosmópolis</i>	155
Francesca Degli Atti	
<i>Natureza e identidade no discurso modernista na Amazônia</i>	175
IV. <i>Modernismo brasileiro: riflessioni linguistiche e metalinguistiche</i>	
Eloisa Pilati e Alexandre Pilati	
<i>Esculturas gramaticais do Modernismo: o caso dos “Poemas da Colonização”, de Oswald de Andrade</i>	209
Monica Lupetti	
<i>Di arte in arte: la riflessione metalinguistica e le grammatiche di italiano in Brasile in epoca modernista</i>	223
Paula de Paiva Limão	
<i>La grammatizzazione del Portoghese brasiliano e la costruzione della lingua nazionale</i>	243
Maria Serena Felici	
<i>A língua dos canibais: inovações na linguagem jornalística do português brasileiro e a presença dos idiomas estrangeiros na revista Klaxon</i>	267
Maria Antonietta Rossi	
<i>O estudo “humano” da língua tupi segundo Plínio Salgado: analogias sensoriais e sentimentais</i>	285

O estudo “humano” da língua tupi segundo Plínio Salgado: analogias sensoriais e sentimentais

Maria Antonietta ROSSI
(*Università per Stranieri di Siena*)

À guisa de introdução: a importância do tupi no Português brasileiro

O elemento indígena sempre foi uma dimensão constante e intrínseca da heterogénea realidade carioca que, por representar o substrato linguístico e sociocultural pré-existente à descoberta cabralina deste amplo território, exerceu uma considerável influência no processo de desenvolvimento diacrónico dos aspetos peculiares da variante brasileira do português, a nível tanto lexical como fonético e morfossintático (HOUAISS 1992: p. 11), apesar da política colonial etnocida e glotocida (RODRIGUES 1986: p. 19) – ativa mormente durante o mandato pombalino (SOUZA, LOBO 2016: pp. 49-50; GÓIS, MARTINS 2019: p. 424) –, que reduziu substancialmente o número dos idiomas locais, marcante património linguístico, de facto, do solo brasileiro.

A contribuição destes sistemas comunicativos para a evolução do Português Brasileiro, sobretudo para o enriquecimento da dimensão vocabular, foi analisada por lexicógrafos e linguistas, tal como, entre outros, Antônio Houaiss (1992: pp. 61-73), Laércio Nora Bacelar e Marcos Góis (1997), assim como Clóvis Chiaradia (2008). Este último, no seu *Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena*, editado em 2008, realizou um recenseamento atualizado dos indigenismos da língua brasileira – constituídos principalmente por tupinismos – quantificados em 30.000 entradas, empréstimos lexicais que, a partir do século XVI, foram assimilados nos hábitos comunicativos dos colonos para expressar aspetos tanto culturais como territoriais – em particular da flora e da fauna – da nova área extracontinental recém descoberta.

Estas unidades verbais “exóticas” (NASCENTES 1955: p. XXIX) começaram a ser examinadas, sob o ponto de vista etnolinguístico, como veículo de manifestação dos paradigmas mentais dos povos locais, já a partir no final de Oitocentos, quando o estudioso Couto de Magalhães levou a cabo, em 1876, O

Selvagem, trabalho de etnografia linguística indígena que desenvolveu um papel capital para o desenvolvimento científico da tupinologia. Esta abordagem de investigação foi apreciada, aliás, por Plínio Salgado (1985-1975) – poliédrico escritor, historiador, poeta e jornalista, assim como fervente ativista político – durante a primeira metade do século XX, dentro do cenário cultural do Modernismo, autor que defendeu, nos próprios artigos de cunho argumentativo, a revalorização das raízes étnicas nacionais e dos idiomas indígenas – símbolo do ancestral património sociolinguístico da nação brasileira –, de modo a promover a construção de uma cultura autêntica de bases nacionais que não fosse contaminada por correntes literárias forasteiras.

De facto, além de ter sido protagonista da “Ação Integralista Brasileira”, cuja orientação fascista já foi amplamente analisada por historiadores como Bertonha (2011), Tanagino (2014) e Silva (2011), Salgado dedicou-se também, dentro do movimento do “Verde-Amarelismo”, por ele liderado, a questões de natureza filológica e linguística – parcamente examinadas na literatura científica académica – em relação à origem do Tupinambá, i.e., como argumentou Sonia Netto Salomão o «Tupi antigo falado pelos índios da grande família Tupinambá, do tronco tupi-guarani» (SALOMÃO 2010: p. 310), ou «Língua Brasília» (RODRIGUES 1986: p. 11), protótipo das línguas autóctones presente mormente ao longo da faixa costeira (MATTOSO CÂMARA 1965: p. 99) «predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII» que representava «a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia no norte». (RODRIGUES 1986: p. 21).

Graças ao processo de gramaticalização promovido, durante a época colonial, pelos missionários jesuítas, de molde a fortalecer o processo de catequese, tal idioma adquiriu o papel de “língua geral” por se ter difundido, a nível comunicativo, em determinadas áreas do Brasil (MATTOSO CÂMARA 1965: p. 102; OLIVEIRA 2006: p. 11; LUCCHESI ET AL. 2009: p. 45; SALOMÃO 2010: p. 311), considerado pelo próprio José de Anchieta (1534-1597), no século XVI, como «a língua mais falada na costa do Brasil» (ANCHIETA 1595), período durante o qual ocorreu, segundo Mattoso Câmara, «o primeiro contacto da ciência ocidental com as línguas indígenas do Brasil». (1965: p. 99).

Partindo da análise textual do artigo argumentativo *A língua tupi* publicado em 1928 em duas partes, respetivamente nos números 1 (SALGADO 1928: pp. 5-6) e 2 (SALGADO 1928: p. 7) da «Revista de Antropofagia», este trabalho pretende discutir, com uma abordagem de vertente qualitativa, a metodologia “humana” de estudo proposta por Salgado para compreender os mecanismos de formação das etiquetas lexicais na língua tupi, que tiveram, de acordo com Góis e Martins, um papel notável na «consolidação de uma Identidade Linguística Brasileira» (2019: p. 424). De facto, segundo o autor, tal idioma deveria ser examinado, em perspetiva etnolinguística, investigando os procedimentos analógicos de tipo sensorial e sentimental que conotam a dimensão semântica das palavras, que

expressam, sendo a língua «um microcosmos da cultura» (MATTOSO CÂMARA 1965: p. 18), os cânones mentais do povo indígena, atitude científica que permitiu avançar, por conseguinte, hipóteses inovadoras de investigação no âmbito da tupinologia, antecipando os princípios da moderna Linguística Cultural, cujos pioneiros são, além do conhecido Franz Boas (1911), Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941) por terem elaborado a nota teoria do Relativismo Linguístico.

A campanha de revalorização do património cultural indígena: o ativismo da «Revista de Antropofagia»

Como já frisámos na parte introdutória desta dissertação, as inéditas e inovadoras teorias linguísticas de Plínio Salgado, aplicadas ao estudo do tupi, componente indígena fundamental do património sociolinguístico do país brasileiro, foram apreciadas nomeadamente dentro do cenário cultural do Modernismo, cujo marco simbólico foi, como sabemos, a Semana de Arte Moderna de 1922 (REZENDE 1993; STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 95; ALAMBERT 1999). Com efeito, a partir deste momento ganharam força, dentro da cosmopolita e heterogénea São Paulo, que se estava a desenvolver progressivamente a nível económico graças à produção cafeeira (DI MUNNO 2001: p. 270; MACHADO 2013: p. 43; MATOS, GONÇALVES 2014: p. 161; SANTOS, LEONEL 2014: p. 2), novas tendências literárias e culturais ligadas principalmente às recentes tendências europeias, que se afastavam do conservadorismo artístico da Academia de Belas Artes que tinha como epicentro, pelo contrário, Rio de Janeiro (REZENDE 1993; NASCIMENTO 2015).

Além da rotura com o passado literário conservador e com a arte tradicional lecionada nas academias, os partidários do Modernismo visavam reconstruir, aliás, os fundamentos da cultura brasileira, dando espaço prioritário a temas de vertente nacionalista, valorizando em particular, por um lado, i) o passado histórico pré-colonial da nação (SANTOS, LEONEL 2014: p. 7) e, por outro, ii) o substrato linguístico indígena que, como exposto anteriormente, exerceu uma função marcante na evolução diacrónica das peculiaridades lexicais e fonéticas da variante brasileira (HOUAISS 1992: pp. 61-73; GÓIS, MARTINS 2019: p. 434).

Nesta perspetiva, o programa de revalorização da herança cultural indígena foi defendida vigorosamente pelo poeta Oswald de Andrade (1890-1954), maior representante do conhecido “Movimento Antropofágico” (NASCIMENTO 2015: p. 384) – considerado como uma das manifestações mais radicais do Modernismo Brasileiro (AQUINO, LOTTI 2016: p. 131) –, personagem que teve contato direto, além do mais, com o futurista italiano Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944). Isso posto, os “antropofágicos” ativaram-se para propor uma real “aglutinação” das correntes estrangeiras (STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 99; NASCIMENTO 2015: p.

385), transformando-as em uma arte nacional autêntica (SANTOS, SOUZA 2007: p. 794). A fim de alcançar este propósito, era fundamental, por consequência, recuperar o passado ancestral do país, representado pelas antigas tradições do substrato indígena (OLIVEIRA 2017: p. 162), em particular pelo tupi que, consoante informa o investigador Tanagino, «predomina na cultura brasileira, sendo deste a maior contribuição à nossa civilização *sui generis*» (2014: p. 5).

À luz dessa concepção, o índio antropófago representava, nas palavras de Nascimento, o símbolo da resistência à colonização e à catequese europeia, atitude que se julgava imprescindível para construir, desta forma, uma literatura original e genuína que não fosse contaminada por influências oriundas do externo (NASCIMENTO 2015: p. 377), que enfatizasse, portanto, as peculiaridades regionais e étnicas do povo brasileiro.

Na esteira desta luta de recuperação das antigas tradições autóctones, Plínio Salgado coordenou, ao invés, o movimento do “Verde-Amarelismo” – também conhecido como “Escola da Anta” – que se opunha, como é noto, às Vanguardas Europeias, uma vez que defendia um nacionalismo puro (STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 107), primitivo e ufanista (VELLOSO 1993: p. 97; MATOS, GONÇALVES 2014: p. 160), que era possível criar a partir unicamente de fundamentos culturais nacionais, representados, como asseveraram Velloso (1993: p. 98), Aquino e Lotti (2016: p. 135), pela herança indígena, tese outrossim avançada no célebre manifesto *Nheengaçu Verde-Amarelo* publicado em 1929; tal movimento dará origem, em 1930, à doutrina integralista (TANAGINO 2014) – ou “Ação Integralista Brasileira” –, fortemente influenciada, como analisaram Gonçalves e Neto (2020), pelo fascismo italiano.

O enérgico programa de redescoberta das raízes nacionais e dos múltiplos idiomas indígenas, pré-existentes antes da chegada dos Portugueses em 1500, foi amplamente difundido entre a opinião pública graças ao papel dinâmico das duas principais Revistas modernista da época, i. e. «Klacson» – publicada entre 1922 e 1923 – e a «Revista de Antropofagia» – ativa entre maio de 1928 e agosto de 1929 – que promoviam, através de textos pertencentes à tipologia argumentativa e aos géneros do ensaio breve e do artigo, uma eficaz propaganda linguística para estimular o povo brasileiro a conquistar, segundo pontificou Vera Lúcia de Oliveira no trabalho dedicado ao estudo do índio do Brasil, a própria independência cultural (2006: p. 21), dado que predominavam fortemente os padrões mentais europeus.

Os protagonistas desta inovadora campanha cultural, literária e linguística foram, conforme dito acima, o paulista Oswald de Andrade e o eclético Plínio Salgado, promotor, este último, de análises filológicas e linguísticas dos idiomas autóctones (TANAGINO 2014: p. 5) através de uma metodologia por ele definida quer “humana”, quer “sensorial/psicológica”, teorias que, de acordo com o nosso parecer, antecipam os fundamentos da moderna etnolinguística (CARDONA 1976).

A «Revista de Antropofagia», principal veículo de difusão do movimento antropofágico brasileiro – onde Plínio Salgado publicou o artigo titulado *A língua tupi* (1928), nossa fonte textual de referência para a análise conduzida –, foi criada, de facto, no mês de maio de 1928 na capital paulista com a intencionalidade de difundir os novos ideais, instrumento mormente ativo durante a “primeira fase” do Modernismo, conhecida também como “fase heroica” (de 1922 até 1930), período durante o qual o Conselho Editorial divulgou textos argumentativos – através de 26 edições divididas em duas fases, denominadas “dentições” (STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 99) – com o propósito de valorizar e exaltar o aspeto indígena, tanto cultural como linguístico, da nova identidade literária brasileira: a este respeito, Oswald de Andrade escreveu o célebre *Manifesto Antropófago*, texto fortemente influenciado, aliás, pelas teorias primitivistas do dadaísmo (SANTOS, SOUZA 2007: p. 796; NASCIMENTO 2015: p. 377).

O povo brasileiro, como uma entidade antropófaga, deveria ser portanto capaz de deglutir as formas literárias e culturais importadas, de forma a que pudesse produzir algo nacional e autêntico (STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 99), i.e. uma «arte verdadeiramente brasileira» (SANTOS, SOUZA 2007: p. 794), a fim de combater as «sublimações antagónicas, trazidas nas caravellas» (ANDRADE 1928: p. 3), propósito que o próprio Oswald de Andrade resumiu no *Manifesto* com a célebre asserção «Tupy or not tupy, that is the question» (STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 99; OLIVEIRA 2006: p. 21; NASCIMENTO 2015: p. 385), parodia da frase extraída da peça *Hamlet* do dramaturgo William Shakespeare (1564-1616). Destarte, podia-se estimular uma efetiva devoração crítica das influências culturais alheias, processo a incentivar só a partir do conhecimento das tradições, atitude que permitia edificar, conseqüentemente, uma cultura de bases nacionais.

Plínio Salgado e o estudo “humano” da língua tupi

O poliédrico Plínio Salgado expressou as próprias ideias em relação à valorização das raízes étnicas nacionais e da herança linguística tupi, ancestral património cultural do povo brasileiro, no artigo de carácter argumentativo *A língua tupi*, publicado, como dito anteriormente, em 1928 em duas partes nos números 1 (SALGADO 1928: pp. 5-6) e 2 (SALGADO 1928: p. 7) da «Revista de Antropofagia», no qual ele discutiu os resultados alcançados através das suas investigações de natureza linguística sobre o tupi, por ele promovidas dentro do grupo da “Escola da Anta” juntamente com Raul Bopp (1898-1984) e precedentemente avançadas, em 1901, pelo geógrafo e historiador Theodoro Sampaio (1855-1937) com a publicação da obra *O tupi na geografia nacional*, onde ele analisou, como se depreende na parte introdutória, a «predominância do tupi nas nossas denominações geográficas» (1901: p. 3).

Graças aos estudos linguísticos de algumas linhagens do tronco tupi-guarani, Salgado afirma que o falar brasílico – essencial, durante o período de colonização, quer para incentivar as campanhas de evangelização, quer para negociar conteúdos entre os povos locais e os colonos –, deve ser observado, analisado e descrito adotando uma metodologia totalmente diferente em relação àquela empregada pelos primeiros jesuítas. De facto, estes estudaram tal idioma por fins essencialmente catequéticos, codificando as normas de funcionamento das línguas exóticas aplicando os parâmetros normativos de descrição do latim, considerado na época em apreço como a “língua universalis”, empregando, nas palavras da investigadora Maria Leonor Carvalhão Buescu, os mesmos «paradigmas de declinação e da flexão verbal», assim como as “partes do discurso” (1983: p. 10), com o intento de elaborar ferramentas didáticas cuja intencionalidade textual era preparar linguisticamente, de maneira apropriada, os futuros missionários ali enviados.

Isso posto, o autor critica fortemente, na primeira parte do artigo, esta rígida metodologia racional e sistemática de estudo aplicada à normatização do tupi – definida como arcádica pelo próprio Salgado (1928: p. 5) –, adotada tanto por José de Anchieta (1534-1597) como por Luís Figueira (1574-1643) para a elaboração das respetivas gramáticas tituladas *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil* (1595) e *Arte da Língua Brasílica* (1621). Estes instrumentos de cunho precativo foram editados, de facto, com o intuito de ajudar os missionários a compreender e a concetualizar, durante os primeiros séculos de colonização, a alteridade cultural das terras brasileiras, caracterizadas por uma heterogénea babel linguística (HOUAISS 1992) que dificultava a troca verbal com os próprios indígenas, condição de “anomalia” e de “irregularidade” (BUESCU 1983: p. 6) que se devia tornar inteligível face a mentalidade etnocêntrica do século XVI.

Com base nesta constatação, Plínio Salgado rejeita o modelo formal clássico, utilizado pelos missionários para descrever as línguas não indo-europeias – completamente desprovidas, na altura, de um sistema de escrita (BUESCU 1983: p. 12) –, uma vez que não contemplava a dimensão sociocultural expressa pelos itens lexicais, evidente manifestação dos paradigmas mentais dos indígenas: por esta razão, ele defende a adoção de uma abordagem de análise “humana” do tupi, cujas propriedades fonéticas e semânticas assentam, na opinião do autor, em operações cognitivas analógicas de tipo sensorial e sentimental, abordagem que antecipa, então, uma perspetiva etnolinguística de investigação.

Confutando, por consequência, o procedimento de análise aplicado pelos Jesuítas, o autor assevera que, durante a época colonial quinhentista, o conhecimento e a respetiva aprendizagem dos idiomas locais serviam apenas por uma questão de «utilidade prática imediata» (SALGADO 1928: p. 5), já que eles visavam, por um lado, i) «unificar, tanto quanto possível, as línguas, num tipo geral que servisse ao imperialismo catequista», de modo a cumprir as diretivas do Padroado

Régio (MARCOCCI 2011) e, por outro, ii) atingir a «compreensão urgente entre catecúmenos e evangelizadores» (SALGADO 1928: p. 5), processo imprescindível para a efetiva conversão do gentio. Sendo o objetivo primário, segundo o criticismo de Salgado, a mútua compreensão entre os indígenas, os missionários e os colonizadores, «essa preocupação utilitária não podia ter senão uma orientação gramatical» (SALGADO 1928: p. 5): destarte o tupi, expressão da alma e do espírito do povo indígena das terras brasileiras, foi reduzido a dogmas, «à forma europeia» (SALGADO 1928: p. 5), através de «formas pacíficas passivas de tradução» (SALGADO 1928: p. 5) típicas do modelo formal clássico, enquanto a percepção do «tipo humano» e o «valor psicológico e social» do idioma passou para um segundo plano por causa destas «necessidades prementes» (SALGADO 1928: p. 5).

A “Abanheenga”, i. e. «a língua de homem» ou «língua de gente» (SALGADO 1928: p. 5), termo com o qual os grupos do tronco tupi denotavam o próprio idioma, foi estudada aplicando unicamente um critério científico, metodologia que foi sistematizada de maneira orgânica durante a segunda metade do século XIX, quando a antropologia adquiriu o status de disciplina científica (FABIETTI 2011). De facto, naquela altura despertaram interesse os trabalhos de Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), que analisou as línguas indígenas depois de ter cumprido, em 1817, uma viagem ao Brasil como parte da comitiva da arquiduquesa austríaca Leopoldina. Outrossim, mencionamos as pesquisas de Friedrich Müller (1834-1898), por se ter dedicado à descrição científica de 150 idiomas, cuja taxonomia foi por ele elaborada de acordo com critérios etnográficos e antropológicos.

A partir destes primeiros estudos sobre a língua do índio, com a qual etnólogos e antropólogos entravam em contacto através da pesquisa de campo, moderna metodologia inaugurada por Bronisław Malinowski (1884-1942) ao estudar o povo das Ilhas Trobriand,¹ intensificou-se também o interesse pelo indígena como homem identificado por determinados paradigmas sociais e culturais que, na visão de Plínio Salgado, se refletem tanto nas estruturas fonéticas como nos itens lexicais da língua tupi, antecipando, como já defendemos, os princípios da moderna etnolinguística (CARDONA 1976; DURANTI 2000). Nesta perspetiva, o “Indianismo”, movimento que surgiu na primeira metade do século XIX como uma fase do Romantismo brasileiro voltada para a recuperação da especificidade

¹ Veja-se, a este propósito, o trabalho de cunho etnográfico publicado em 1922 titulado *Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea* (G. Routledge & Sons, London; E.P. Dutton & Co., New York), onde Bronisław Malinowski teorizou os critérios do próprio método de trabalho de campo baseado na observação participante.

étnica e cultural da nação (STEGAGNO PICCHIO 2005: p. 47), desenvolveu um papel essencial, cujos maiores representantes foram António Gonçalves Dias (1823), para a poesia, e José de Alencar (1829-1877), para a prosa (OLIVEIRA 2006: pp. 22-24), intelectuais que deram, citando as palavras de Salgado, «o primeiro passo para uma compreensão melhor do indígena» (SALGADO 1928: p. 5).

Em decorrência disto o autor, inspirado pelos princípios indianistas, defende que o tupi deve ser estudado, portanto, a partir de um novo critério, que assenta na compreensão da origem cultural do significado de cada unidade verbal, elemento semiótico que expressa quer um «estágio humano», quer «a íntima comunhão cósmica» (SALGADO 1928: p. 6) do índio com a flora e a fauna que o rodeia. A correspondência intrínseca entre a alma indígena e o mundo manifesta-se, conseqüentemente, através da língua, utilizando os «elementos idiomáticos representativos dos objetos (substantivo), das ações (verbo) e das circunstâncias (adjetivos e advérbios)», que representam, consoante informa Salgado, «a sintaxe primitiva» da língua tupi (SALGADO 1928: p. 6). Sob a ótica deste novo paradigma interpretativo, que realça a dimensão eucarística do tupi – uma vez que o homem, através da própria linguagem, comunica com a natureza –, o idioma em apreço deveria ser analisado através da «doutrina da equivalência espiritual» (SALGADO 1928: p. 6), abordagem que implica uma «compreensão mais perfeita da língua dos povos primitivos» (SALGADO 1928: p. 6): destarte, «veremos desdobrar-se aos nossos olhos através de cada palavra, de cada raiz, toda a alma do nosso índio» (SALGADO 1928: p. 6).

Em primeiro lugar, Salgado ressalta o valor fono-simbólico das palavras, dimensão que, por meio da onomatopeia, elemento sónico emblemático do tupi, marca «a representação de relações entre os sentidos e os dois mundos, o objetivo e o subjetivo», circunstância, esta, reforçada pelo emprego da analogia, que amplia a «função representativa dos vocábulos ou das sílabas» (SALGADO 1928: p. 6), mecanismo que o autor define como «ampliador do processo onomatopaico» e que intensifica, por conseguinte, o poder «criador da linguagem» (SALGADO 1928: p. 7), patente mormente nas línguas aglutinantes, das quais os idiomas indígenas, segundo o alemão August Schleicher (1821-1868), fazem parte (MATTOSO CÂMARA 1965: p. 110).

De acordo com as análises linguísticas conduzidas pelo autor, juntamente com os verde-amarelistas Raul Bopp e Alarico Silveira, realizadas diretamente no campo – claramente influenciadas pela teoria aglutinante, segundo a qual a etimologia dos lexemas se devia analisar decompondo a palavra «em elementos formadores que dessem uma combinação de significações razoavelmente aceitável para a significação global» (MATTOSO CÂMARA 1965: p. 110) –, o processo analógico obedece, no tupi, a um «sentido sensorial, ou a uma lógica sentimental» (SALGADO 1928: p. 6).

A título de exemplificação, as sílabas “ta-te-ti-to-tu” expressam o sentido de ‘coisa dura’, tal como nas palavras citadas pelo próprio Salgado: *Ita* – ‘pedra ou

ferro’; *Ibitu* – ‘montanha’, substantivo formado por “Ibi” (‘terra’) e “tu” (‘coisa dura’); “Taquara” – ‘cana de bambu’, termo constituído por “ta” (‘duro’) e “quara” (‘oco’); “Tátá” – ‘fogo’, «porque é do atrito de coisas duras que sai fogo, velho processo que vinha desde os primeiros sambaquis do Iguape» (SALGADO 1928: p. 6). À luz do exposto, conforme a tese defendida por Salgado, «tudo o que é forte, duro, ardente, violento, traz, por analogia o “t”», como nas seguintes palavras: “Tai” – ‘raiz que arde ou gengibre’; “Tainha” – ‘dentes’; “Tatarana” – ‘inseto que queima’; “Tiquira” – ‘aguardente, pinga’; “Tainha” – ‘caroço, semente’; “Tacape” – ‘arma de matar’ (SALGADO 1928: p. 6).

A seguir, o autor explica que as sílabas “pa, pe, pi, po, pu” trazem sempre «a ideia de superfície, ponta, extremidade, contato, contorno, revestimento, limite, tudo o que se refere a plano, por exemplo a pequenez, a chateza» (SALGADO 1928: p. 6): neste sentido, “pe” indica, por conseguinte, o «contato entre os sentidos e os mundos subjetivo e objetivo» (SALGADO 1928: p. 6), como nas palavras *Pe* (‘pele’) e *Petuna* (‘noite’), porque literalmente significa “pele ou véu preto”.

Além do mais, para demonstrar que o tupi é uma língua «ligada à natureza, oriunda do contato imediato entre o homem e o mundo» (SALGADO 1928: p. 6), Salgado analisa outrossim casos de analogias sentimentais, “das emoções”, que assentam em i) «operações psicológicas mais difíceis» (SALGADO 1928: p. 6) ou em ii) correspondências «auditivas, visuais, olfativas, palatais e táteis» mais complexas (SALGADO 1928: p. 7).

Quanto ao sentido expresso pelas vogais, o autor assevera que «o fonema *a*, aberto ou átono, significa sempre proximidade e claridade. O dia é ora» (SALGADO 1928: p. 7). Pelo contrário, “u” «exprime distância. As coisas distantes são pretas ou azuis, portanto, *u* significa também essas cores» (SALGADO 1928: p. 7). De facto, voltando novamente ao aspeto sémico do termo *Petuna*, podemos corroborar a ideia de que denota a “noite”, porque quer dizer ‘véu’ ou pele ‘preta’.

Para orientar melhor o leitor na compreensão dos laboriosos processos cognitivos que subjazem à formação das palavras, Salgado sustenta, aliás, que o “q” expressa «coisa meada, pequena», enquanto a vogal “i” denota «coisa fina, subtil». A este respeito, o termo “qui” significa ‘grão’ e ‘piolho’ (SALGADO 1928: p. 7).

Nesta linha teórica, o autor fornece mais exemplos para ilustrar melhor a estrita conexão entre as formas linguísticas e os esquemas mentais dos povos indígenas, como a palavra “ara”, cujo significado é ‘dia’, mas também ‘ave, pássaro’, porque “Ara” é quer «o dia, o conjunto das cores», quer «ave, pássaro», uma vez que «os pássaros trazem nas suas penas também todas as cores»: «por isso, o pássaro é o dia. E o dia é o grande pássaro das sete cores» (SALGADO 1928: p. 7). “Tátá”, pelo contrário, indica o ‘fogo’, já que a consoante “t” exprime «resistência ou coisa dura», enquanto a vogal “a” denota ‘claridade’: com efeito, o fogo nasce, segundo Salgado, «do atrito das cousas duras. Mas o fogo é luz, claridade, por isso a consonância “t” liga-se ao fonema “a”» (SALGADO 1928: p. 7). Além disso, o

termo “Jacy” significa ‘lua’, mas também ‘tristeza’, porque este estado de ânimo representa, de facto, o «lugar da alma» (SALGADO 1928: p. 7). “Aracy”, ainda, tem o sentido de ‘aurora’, i.e. a ‘mãe do dia’, porque, explica o autor, «do seu clarão é que nasce o sol» (SALGADO 1928: p. 7).

Finalmente, o verde-amarelista conclui a sua análise afirmando que as palavras que mais despertam interesse são aquelas compostas com “nhem”, prefixo que indica ‘fala, falar’, tal como nos verbetes “Nhengatu” – ‘língua boa’, “Nhengahyba” – ‘língua ruim, fala ruim’, “Nhengareçãua” – ‘canto coletivo’, “Nhengassu” – ‘fala grande, discurso’ e “Nhengare”, que significa ‘canto, cantiga’ ou ‘a fala, a palavra que corre’, porque “gare” expressa mesmo o sentido de ‘correr’ (SALGADO 1928: p. 7), exemplos que destacam, na opinião de Góis e Martins, a «altíssima produtividade na formação de famílias de palavras» (2019: p. 436) do léxico tupi.

Considerações finais

Diante desta análise de cariz qualitativo e linguístico do estudo proposto pelo modernista Plínio Salgado em relação aos mecanismos endógenos de formação das palavras na língua tupi, que revelam nitidamente, como acima descrito, a dimensão sociocultural do povo indígena, podemos asseverar que o autor, apesar de não aplicar uma metodologia de investigação cientificamente sistematizada, antecipa, na esteira dos primordiais trabalhos que consolidarão o setor da Tupinologia (RODRIGUES 1986), os princípios teóricos da moderna etnolinguística (HYMES 1962; CARDONA 1976; DURANTI 2000), cujo maior representante será o antropólogo Dell Hymes (1927-2009) com a publicação, em 1962, da obra *The Ethnography of Speaking*, que realça a estrita correlação entre os paradigmas culturais e o idioma dos falantes de qualquer comunidade linguística.

Propondo, portanto, o estudo do tupi diretamente no campo, prática antropológica que será metodizada, como anteriormente frisámos, por Bronisław Malinowski, Plínio Salgado apresenta pela primeira vez aos leitores, de facto, um exame de tipo tanto etimológico como semântico – que difere completamente da abordagem conservadora e normativa aplicada pelos primeiros missionários jesuítas no Brasil – baseado na observação de procedimentos analógicos de tipologia sensorial e sentimental/psicológica que revelam o liame indissolúvel entre o mundo material e a dimensão espiritual do falante. Esta dimensão sociocultural é constantemente presente nos práticas comunicativas, apesar do processo de mudança diacrónica devido aos numerosos fenómenos de interferência linguística com a língua oficial, o português, e com os sistemas comunicativos de adstrato, em particular com as línguas africanas e de imigração (SALGADO 1928: p. 6). Com efeito, os exemplos ilustrados no artigo *A língua tupi* evidenciam a tese por ele defendida, ou seja que cada item lexical revela o «contato imediato entre o homem

e o mundo» (SALGADO 1928: p. 6), linha teórica que permitiu abrir um inovador horizonte de pesquisa sobre os idiomas indígenas, herança linguística omnipresente da nação brasileira.

Referências bibliográficas

- ALAMBERT 1999 = Francisco Alambert, *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*, Scipione, São Paulo, 1999.
- ANCHIETA 1595 = José de Anchieta, *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, por Antonio de Mariz, Coimbra, 1595.
- AQUINO, LOTTI 2016 = Zilda Gaspar Oliveira de Aquino, Ana Luisa Feiteiro Cavalari Lotti, *A argumentação nos manifestos: “Nhengaçu Verde-Amarelo” e “Poesia Pau-Brasil”*, «Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura», v. 18, n. 1, 2016, pp. 128-140.
- BACELAR, GÓIS 1997 = Laércio Nora Bacelar, Marcos Góis, *A produtividade do léxico tupinambá no português do Brasil*, «Signótica», n. 9, 1997, pp. 105-118.
- BERTONHA 2011 = João Fábio Bertonha, *Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975)*, «Análise Social», v. XLVI, n. 198, 2011, pp. 65-87.
- BUESCU 1983 = Maria Leonor Carvalhão Buescu, *O Estudo das Línguas Exóticas no Século XVI*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1983.
- CÂMARA 1965 = Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Introdução às línguas indígenas brasileiras*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1965.
- CARDONA 1976 = Giorgio Raimondo Cardona, *Introduzione all’etnolinguistica*, Il Mulino, Bologna, 1976.
- CHIARADIA 2008 = Clóvis Chiaradia, *Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena*, Limiar, São Paulo, 2008.
- DI MUNNO 2001 = Amina Di Munno, *Letteratura e arti visive nel Modernismo luso-brasiliano*, in Antonella Cancellier, Renata Londero (a cura di), *Atti del XIX Convegno Associazione Ispanisti Italiani. Le arti figurative nelle letterature iberiche e iberoamericane*, Unipress, Padova, 2001, pp. 267-274.
- DURANTI 2000 = Alessandro Duranti, *Antropologia del linguaggio*, Meltemi, Roma, 2000.
- EDELWEISS 1969 = Frederico Edelweiss, *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: confrontos e revisões*, Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1969.
- FIGUEIRA 1621 = Luís Figueira, *Arte da Língua Brasileira*, Manoel da Silva, Lisboa, 1621.
- FABIETTI 2011 = Ugo Fabietti, *Storia dell’antropologia*, Zanichelli, Bologna, 2011.
- GONÇALVES, NETO 2020 = Leandro Pereira Gonçalves, Odilon Caldeira Neto, *O fascismo em camisas verdes: do Integralismo ao Neointegralismo*, Editora FGV, Rio de Janeiro, 2020.
- HYMES 1962 = Dell Hymes, *The Ethnography of Speaking*, in Thomas Gladwin, William C. Sturtevant (Eds.), *Anthropology and Human Behavior, The Anthropology Society of Washington*, Anthropological Society of Washington, Washington, 1962, pp. 13-53.
- HOUAISS 1992 = Antônio Houaiss, *O Português no Brasil*, Revan, Rio de Janeiro, 1992.

- MAGALHÃES 1876 = José Vieira Couto de Magalhães, *O Selvagem*, Typ. da Reforma, Rio de Janeiro, 1876.
- MACHADO 2013 = Marcia Regina Jaschke Machado, *Considerações sobre a formação do Modernismo brasileiro*, «Remate de Males», v. 33, n. 1-2, 2013, pp. 31-50.
- MARCOCCI 2011 = Giuseppe Marcocci, *L'invenzione di un impero. Política e cultura nel mondo portoghese (1450-1600)*, Carocci Editore, Roma, 2011.
- MARTINS 2020 = Carlos Martins, *De Plínio Salgado ao século XXI. Uma breve história do fascismo brasileiro*, «Relações Internacionais», n. 68, 2020, pp. 147-151.
- MATOS, GONÇALVES 2014 = Maria Izilda Santos de Matos, Leandro Pereira Gonçalves, *O Estrangeiro na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e propostas*, «Patrimônio e Memória», v. 10, n. 1, 2014, pp. 157-182.
- NASCENTES 1955 = Antenor Nascentes, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Livraria Alves, Rio de Janeiro, 1955.
- NASCIMENTO 2015 = Evando Nascimento, *A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e "primitivismo" artístico*, «Gragoatá», n. 39, 2015, pp. 376-391.
- OLIVEIRA 2006 = Vera Lúcia de Oliveira, *Utopia Selvaggia. L'Indio del Brasile: innocente Adamo o feroce cannibale?* Alberto Gaffi Editore, Roma, 2006.
- OLIVEIRA 2017 = Luiz Henrique Silva de Oliveira, *Manifestações do negrismo no modernismo brasileiro: poesia e romance*, «Navegações», v. 10, n. 2, 2017, pp. 156-164.
- REZENDE 1993 = Neide Rezende, *A Semana de Arte Moderna*, Ática, São Paulo, 1993.
- RODRIGUES 1986 = Aryon Dall'Igna Rodrigues, *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*, Edições Loyola, São Paulo, 1986.
- SALOMÃO 2010 = Sonia Netto Salomão, *A gramática da catequese no Brasil: da língua geral ao discurso universal*, in Gaetano Platania, Cristina Rosa, Mariagrazia Russo (a cura di), *Hinc illae lacrimae! Studi in memoria di Carmen Maria Radulet*, Settecittà, Viterbo, 2010, pp. 309-315.
- SAMPAIO 1901 = Theodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, Typ. da Casa Eclética, São Paulo, 1901.
- SANTOS, SOUZA 2007 = Paula Cristina Guidelli dos Santos, Adalberto de Oliveira Souza, *As vanguardas européias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, in *Colóquio de estudos linguísticos e literários*, Maringá, "s.e.", 2007, pp. 789-798.
- SANTOS, LEONEL 2014 = Fernanda Oliveira Filgueiras Santos, Mauro De Mello Leonel, *A fome antropofágica - utopias e contradições*, «Revista Estudos Culturais», n. 1, 2014, pp. 1-15.
- SILVA 2011 = Giselda Brito Silva, *Plínio Salgado no exílio em Portugal, uma abordagem preliminar*, in Marieta de Moraes Silva (Ed.), *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH-SP, São Paulo, 2011, p. 1-14.
- SOUZA, LOBO 2016 = Pedro Daniel dos Santos Souza, Tânia Lobo, *Da aplicação do Diretório Pombalino ao Estado do Brasil: povos indígenas e políticas linguísticas no século XVIII*, «A Cor das Letras», v. 17, n. 1, 2016, pp. 46-59.
- STEGAGNO PICCHIO 2005 = Luciana Stegagno Picchio, *Breve Storia della letteratura brasiliana*, Il melangolo, Genova, 2005.

TANAGINO 2014 = Pedro Ivo Dias Tanagino, “*Despertemos a Nação!*”: do mito fundador do Brasil ao nacionalismo integralista de Plínio Salgado (1927-1937), in *Anais do XIX Encontro Regional de História*, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014, p. 1-10.

VELLOSO 1993 = Mônica Pimenta Velloso, *A Brasilidade Verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*, «Estudos Históricos», v. 6, n. 11, 1993, pp. 89-112.